



A caracterização de Andrômaca e Hermíone no agón de *Andrômaca* de Eurípides

The characterization of Andromache and Hermione in Eurípides' *Andromache agón*

Samea Ghandour¹

e-mail: samea.ghandour@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4329-3870>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.32626>

RESUMO: Este trabalho integra o recorte temático que vem sendo desenvolvido no último biênio pelo grupo de pesquisa *Estudos sobre o Teatro Antigo* da FFLCH-USP: “A caracterização da personagem no teatro greco-romano”. O escopo aqui é perscrutar a caracterização de Andrômaca e de Hermíone no agón travado por essas personagens na peça *Andrômaca* de Eurípides. Nesse percurso, parte-se de uma breve análise de como a protagonista da peça de Eurípides é abordada por Heitor no canto VI da *Iliada* e sobre como se dá seu momento em *As Troianas*. Espera-se, a partir dessas passagens, poder melhor delinear a figura central da tragédia *Andrômaca*, cotejando-a com Hermíone no agón. A proposta em torno das duas mulheres de Neoptólemo em Eurípides é sobretudo investigar como cada uma delas lida com as questões relativas aos valores da aristocracia grega feminina de acordo com sua condição presente.

PALAVRAS-CHAVE: Eurípides; Andrômaca; Hermíone; teatro grego antigo; estudos da caracterização

ABSTRACT: This work integrates the thematic theme that has been developed in the last biennium by the research group *Studies on the Ancient Theater* of the FFLCH-USP: “Characterization of the character in the Greco-Roman theater”. The scope here is to scrutinize the characterization of Andromache and Hermione in the agón performed by those characters in Euripides’ play *Andromache*. In this way, we start from a brief analysis of how the protagonist of Euripides’ play is approached by Hector in the Book VI of the *Iliad* and about her moment in *Trojan Women*. It is hoped from these passages that we can better delineate the central figure of the *Andromache* tragedy, comparing her with Hermione in the agón. The proposal around Neoptolemus’ two wives in Euripides is primarily to investigate how each of them deals with questions concerning the values of the female Greek aristocracy according to their present condition.

KEYWORDS: Euripides; Andromache; Hermione; Greek ancient theater; characterization studies

¹ Mestranda em Letras Clássicas (Grego) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Rodrigues Jr.



Na Guerra de Troia, qual contada na *Ilíada*, certamente viceja o ponto de vista dos helenos sobre seus opositores. No entanto, é verdade que Homero não deixou de contemplar também o ponto de vista troiano, conferindo voz e agudez de espírito a esse povo e mostrando que os conflitos deste podiam estar à altura dos vividos pelos gregos. Essa alternância da tomada de câmara homérica talvez seja o que há de mais fascinante em sua literatura, que pode por vezes deixar o leitor – ou o ouvinte – confuso e embasbacado sobre que partido tomar, identificando-se ora com troianos, ora com gregos, todos demasiadamente humanos.

Tanto é verdade a tendência do receptor da literatura homérica à mudança de partido que a forma como Homero retrata Helena na *Ilíada*, isto é, como uma mulher desonrada e errante, nada distante da opinião patriarcal vigente, abriu precedentes para que Eurípides, sendo grego, não escondesse sua simpatia pelas mulheres troianas. Estas, passivas e injustiçadas pelos gregos, são figuras centrais, seja em *As Troianas*, seja em *Andrômaca*, retratando a firmeza de seus valores e a luta pela sobrevivência.

À luz de Homero, no canto VI da *Ilíada*, o enfoque recai sobre os antagonistas dos gregos e, mais especificamente, sobre Heitor e Andrômaca, ao final. Heitor havia ido ao palácio pedir às mulheres que fizessem oferendas a Palas Atena a fim de que a deusa, quem sabe, viesse a reverter as tensões da guerra. Em sua breve passagem pela suntuosa moradia, eis que Heitor não encontra Andrômaca nos aposentos, mas junto à muralha, com Astíanax nos braços, lamentando a má sorte dos troianos.

Já nesse trecho, podemos perceber a tendência homérica de enfatizar a honra da mulher de Heitor: diferentemente de Páris, escondido em sua covardia no palácio, ou de Helena, que titubeia ao ver o antigo marido da muralha, Andrômaca não está voltada para si somente, mas para a coletividade (vv. 385–387). A seguir, vislumbramos seu encontro com Heitor à beira das portas esqueias (vv. 393–394) e nos é apresentada sua linhagem nobre: ela é filha do magnânimo Eécio, rei de Tebas (vv. 395–397).

No diálogo com o marido, é Andrômaca a primeira a falar: desta vez, sim, ela se volta à subjetividade e teme por sua própria sorte e pela do filho, em caso da morte de Heitor, e salienta que seria melhor para ela própria morrer se ficasse sem o marido (vv. 407–411), este que, para ela, é mais que um companheiro de tálamo (θαλερὸς παρακοίτης, v. 430), mas também pai (πατήρ, v. 429), soberana mãe (πότνια μήτηρ, v. 429) e irmão (κασίγνητος, v. 430).

Esse evento por si só já ilustra o quanto o vínculo conjugal é significativo para Andrômaca, reforçado também pelo fato de ela ter perdido os consanguíneos. Por medo de ficar sem o marido, a troiana chega inclusive a tentar convencê-lo a ficar junto da muralha (v. 431), ao invés de ir para a batalha, e dá a ele coordenadas de como deve agir e posicionar as hostes de acordo com o que ela tinha percebido do movimento grego (vv. 433-437), o que por si já nos permite vislumbrá-la como uma mulher ativa.

Em resposta, Heitor salienta a importância da honra do combate para o renome do guerreiro e da família (vv. 441-446) e, preocupado, prevê a destruição de Troia e o perecimento de seu povo (vv. 447-453) e em especial a dor que Andrômaca há de sofrer quando for levada como cativa pelos aqueus (v. 454). Neste ponto, temos a definição, crucial para o nosso estudo, do que seja a condição da cativa troiana para Heitor: uma mulher “privada da liberdade [...] no dia a dia”² (ἐλεύθερον ἦμαρ ἀπούρας, v. 455), tecendo em Argos sob as “ordens de outra mulher” (ἐν Ἀργεῖ ἐοῦσα πρὸς ἄλλης ἰστὸν ὑφαίνοις, v. 456), levando água da Messeida ou da Hipereia, muito desgostosa (ὔδωρ φορέοις Μεσσηΐδος ἢ Ὑπερείης πόλλ’ ἀεκαζομένη, v. 457), abatida por “uma forte necessidade” (κρατερὴ δ’ ἐπικείσεται ἀνάγκη, v. 458). O filho de Príamo salienta ainda que sua esposa há de ser conhecida pelo renome do marido, excelente no combate (ὄς ἀριστεύεσκε μάχεσθαι, v.460), e que àquela altura ele fará falta para evitar a escravatura da mulher (ἀμύνειν δούλιον, v. 463).

Em *As Troianas*³, ficamos sabendo por Taltíbio o destino de cada uma das mulheres cativas após a Guerra de Troia. Nesse contexto, Andrômaca fora designada ao filho de Aquiles, Neoptólemo (v. 274). O coro relata que ela parte “transportada em carro estranho” (vv. 568-571) com Astíanax no seio em meio às armas pilhadas de Heitor (v. 573). Em hemisticomitia com Hécuba, ela clama por Heitor já morto (v. 588), ressalta a vontade de morrer (v. 593) e as saudades que sente do esposo (v. 594).

Em vv. 614-615, ela chama a atenção de Hécuba para sua própria sorte, que é também a de outras mulheres troianas: “[...] O nobre/se torna servo com tantas mudanças”. Em vv. 634 seq., Andrômaca estabelece uma revisão de seus próprios males e parece entender que foi sua própria prudência e preocupação com a boa reputação que lhe malograram a má sorte (vv. 643-646). Ela esmiúça sua intimidade para a sogra: conta que, quando casada com Heitor, “ficava em casa” para não atrair má reputação (vv. 649-650) e nem mesmo dentro do lar se permitia “sutis/falas femininas” (vv. 651-652). Assim, Andrômaca acredita que seu virtuosismo a destruiu porque chegou ao acampamento aqueu e despertou em Neoptólemo o desejo de se casar com ela (vv.657-659).

Nas falas seguintes, ela conjectura os pormenores de viver uma nova vida de “serva na casa dos facínoras” (v. 660), onde, embora não haja esperanças (vv. 681-682), “crer é suave” (v. 683) e é surpreendida por Hécuba, que, na esperança de sobrevivência da linhagem, aconselha que a jovem

²Todas as traduções da *Ilíada* indicadas entre aspas são de Lourenço (2013).

³As traduções de *Andrômaca* e de *As Troianas* citadas são todas de Torrano (2015 e 2016 respectivamente).

se dedique ao seu novo senhor (v. 700). A morte de Astíanax, relatada no êxodo (vv. 1119-1122), porém, arruinaria qualquer esperança de Andrômaca e das outras mulheres troianas nesse sentido, o da sobrevivência de uma coletividade troiana.

Por outro lado, como salienta WERNER (2018, pp. 27-28), é justamente a morte de Astíanax que “marca o fim do luto [de Andrômaca] pelo marido” e a faz sobrepesar até que ponto valeu a pena viver um casamento virtuoso. Desse modo, teríamos em *As Troianas* uma Andrômaca lúcida de seus valores, porém colocando-os em xeque em momento de desespero e assim voltando-se inevitavelmente para sua subjetividade. Em vv.1129-1146, sabemos que o destino de Andrômaca foi mesmo o de partir com Neoptólemo, a contragosto e pranteando a pátria, Heitor e o filho morto.

A peça *Andrômaca*, embora tenha sido escrita antes de *As Troianas*, tem como ponto de partida o momento *a posteriori*, com a troiana se valendo de seus elevados valores morais para sobreviver. A mulher de Heitor, já residente na Ftia dos Mirmidões, vê-se ameaçada por Hermíone, incapaz de gerar filhos ao esposo e assim desejosa de matar Andrômaca e Molosso, filho de Andrômaca e Neoptólemo. Nesse intento perverso, motor do conflito como um todo, Hermíone, aproveitando-se da ausência do marido, conta com o auxílio de Menelau para oprimir Andrômaca e de Orestes para fugir, ao fim da trama, vendo seus planos malogrados, enquanto Andrômaca é protegida por Peleu e por Tétis *ex-machina*.

O prólogo (vv. 1-116) é travado entre Andrômaca, que rememora seus males, e uma serva, antiga companheira vinda de Troia. Nesse diálogo inicial, já podemos perceber alguns indícios da caracterização de Andrômaca que serão retomados no *agón*: a oposição entre servidão e liberdade e a insistência de Andrômaca numa suposta manutenção da nobreza, apesar da situação adversa.

No altar de Tétis, a protagonista compara sua atual condição de cativa temerosa a Hermíone com a que vivia em antigamente, junto ao marido, antes da guerra, “antes invejada” (v. 5), “tendo pertencido à casa mais livre” (v. 12). Andrômaca se refere a Neoptólemo algumas vezes como “amo” (δεσπότης, v. 25, v. 29) e confessa que acreditava um dia encontrar em Molosso “força” e “defesa dos males” (v. 28) por ela vividos em atual residência, não fosse a ira da esposa legítima.

Esses elementos contribuem para caracterizá-la como sendo uma mulher bastante lúcida da sua condição de cativa, embora ela não faça disso um motivo para perder a nobreza no presente. Na situação em que se encontra, Andrômaca ressalta que jamais tentara usurpar o tálamo e que está sendo injustiçada por Hermíone: “Saiba o grande Zeus/ que a contragosto servi a este leito/ mas não a convenço, quer me matar” (vv. 37-39). Além disso, a honra da esposa de Heitor, que já fora constatada pela serva, outrora em Troia, é agora rememorada por ela, que a interpela por “senhora” (vv. 56-59), enquanto Andrômaca se dirige a ela como “colega serva” (v. 64), demonstrando ter clareza também da condição que ocupa atualmente, a de “serva de Hermíone” (v. 114), e de como deve se portar estando em tal situação. Eurípides constrói uma Andrômaca cuja nobreza é tanta que, mesmo estando cativa, é tratada pela serva com reverência.

Dado o diálogo entre a serva e Andrômaca e o questionável conselho do coro à protagonista para essa que deixe o templo de Tétis (vv. 129-130; v. 135) e reconheça que é cativa (v. 136), o que poderia colocá-la em risco, tem início o *agón* entre Hermíone e Andrômaca (vv. 147-273). A legítima esposa de Neoptólemo se apresenta exibindo a riqueza de sua indumentária: “Adorno de áureo esplendor na cabeça/e porte de variadas vestes no corpo, / não os tenho como primícias/ do palácio de Aquiles ou Peleu,/ mas oriundos de Esparta na Lacônia” (vv. 147-151).

Vale notar que Andrômaca também chama a atenção para o seu próprio dote, no prólogo, no entanto, enquanto a troiana parece fazê-lo para salientar que um dia fora nobre materialmente, exaltando a família de Heitor, o que parece estar em jogo para Hermíone são apenas os valores materiais como sendo representativos de alguma nobreza de sua própria família, de modo que ela não precisa demonstrar elevação moral. Além disso, frisa-se que os tesouros que porta não são frutos de herança do marido, mas de sua própria linhagem, o que por si só já parece rebaixar o valor social de Neoptólemo e da família dele.

A filha de Helena ainda enfatiza: “meu pai Menelau com muitos dotes/ deu-me, de modo a eu ter a voz livre.” (vv. 152-153). Como nota Lloyd (1992)⁴, “Hermíone descreve sua roupa toda elaborada porque essa é parte do seu dote; a riqueza deste dote estabelece o prestígio de seu pai e sua própria independência dentro do casamento”. A partir das primeiras falas de Hermíone, são evidenciadas, portanto, duas condições fundamentais que caracterizam essa personagem: ela se diz nobre e parece acreditar que essa nobreza, que é por excelência material e não necessariamente moral, assegura-lhe lugar de fala livre dentro do casamento.

A seguir, Hermíone contrapõe sua própria condição à de Andrômaca, que é “serva e cativa de guerra” (v. 155), e a acusa de querer “possuir a casa” (v. 156) e de fazê-la infértil com drogas (vv. 157-158), assegurando que Andrômaca morrerá (v. 162), sendo-lhe inútil o templo de Tétis (v. 161). Nessa perspectiva, seria inútil o debate entre ambas, uma vez que Andrômaca já estaria condenada. A esse respeito, Lloyd propõe que:

o destino de Andrômaca está selado antes mesmo de o *agón* começar, pois Menelau e Hermíone já vinham tramando sua morte antes do começo da peça [...], mas Eurípidés evita fazer com que o debate pareça fútil e enganosamente levanta a possibilidade de que Hermíone se satisfaça com alguma coisa outra que não a morte de Andrômaca. (LLOYD, 1992, pp. 51-52)⁵

⁴ Lloyd (1992, p. 52): “Hermione describes her elaborate costume because it is part of her dowry; the richness of this dowry establishes the prestige of her father and her own independence within marriage”.

⁵ Andromache’s fate is also sealed before the agon begins, because Menelaus and Hemione have been plotting her death from the beginning of the play. But Euripides [...] avoids making a negative point about the futility of the whole debate, and he misleadingly raises the possibility that Hermione might be satisfied with something other than Andromache’s death.

Diz a esposa de Neoptólemo: “Mas se Deus ou mortal quiser te salvar,/ em vez do espírito antes próspero, debes/ curvar-te humilde e cair ante meu joelho,/ varrer minha casa, semeando de áurea/ jarra com a mão orvalho de Aqueloo,/ e saber onde estás. Não é Heitor isto,/ nem Príamo nem ouro, mas urbe grega.” (vv. 163- 169). A fala de Hermíone parece não só levantar a esperança de negociação, como sugere Lloyd, mas também remeter, na mesma ordem, às previsões de Heitor para Andrômaca, no já referido canto VI da *Ilíada*, com pequenas modificações. Temos na peça de Eurípides uma protagonista contrariada e privada da liberdade, vivendo sob as ordens de outra mulher, que sugere que ela leve água, abatida por necessidade, sem Heitor para lhe defender. Assim, a presente situação de Andrômaca é caracterizada de modo muito similar à antevista por Heitor na *Ilíada*.

Em vv. 171-173, Hermíone acusa Andrômaca de se unir ao filho daquele que matou Heitor e dele ousar gerar filhos. Ela condena a *φιλία* (“união”) entre membros da família e acusa os bárbaros de se unirem e de se matarem entre si sem que a tradição proíba (vv. 173-176). No entanto, ao tentar caracterizar o comportamento de Andrômaca como sendo bárbaro, Hermíone parece falhar, uma vez que o comportamento bárbaro apontado por ela parece estar muito mais próximo do que sabemos da tradição grega do que da troiana. É justamente Orestes, que integrará mais adiante a trama, quem mata a própria mãe e a quem Hermíone se une. Ele, que é seu primo. E é ela quem foge com outro homem como fizera sua mãe, Helena, algo condenável na sociedade patriarcal. Assim, percebemos o monólogo de Hermíone, no *agôn* da peça de Eurípides, sendo composto por trinta e três versos (vv. 147-180) de algumas incongruências argumentativas e de certa ousadia.

A réplica de Andrômaca (vv. 184-231), por seu turno, parece repleta de recursos retóricos em relação a Hermíone. Ela começa citando um pensamento corrente entre os gregos, o de que tudo o que é novo é mau, e acresce que é injusto (vv. 184-185). A seguir, a troiana parece investir em algumas técnicas retóricas: a inferiorização de si, seguida da necessidade de defesa, e o levantamento de possibilidades seguido de refutação.

Primeiro, Andrômaca se coloca como cativa de Hermíone (v. 186), o que de acordo com suas próprias palavras pode impedi-la de dizer o justo (v. 187) e fazer com que seja punida caso vença na argumentação (v. 187); segundo, estabelece uma oposição entre “grandes” e “fracos”, argumentando que “os grandes mal suportam argumentos/mais fortes propostos por mais fracos” (vv. 189-190). A fala proferida na sequência, “Todavia, não serei pega por me trair” (v. 191), reflete sua necessidade de se defender via uma argumentação forte, estando tibia. Desse modo, percebemos, nos argumentos lançados por Andrômaca, probabilidades que vão sendo colocadas e refutadas por ela mesma via uma série de perguntas retóricas.

Assim, em vv. 192-204, Andrômaca levanta as seguintes hipóteses, que caem por terra via perguntas retóricas propostas por ela mesma: a de que ela possa impedir Hermíone de “núpcias legítimas” (v. 193), a de que ela seja livre para fazê-lo (v. 195), a de que tenha “o corpo jovem e vigoroso” (v. 196) e assim queira “ocupar a casa” (v. 198), gerando “filhos servis” (v. 200), que a Ftia

suporte e aceite (v. 201), tendo sido ela mulher de Heitor (v. 203).

Além disso, Andrômaca interpela Hermíone por “jovem” (v. 192), o que demarca uma oposição significativa entre ambas, pois, pela trajetória pregressa de Andrômaca, ex-mulher, mãe e agora cativa, podemos imaginar que ela não esteja mais na flor da idade, de fato, e quais as marcas que esses acontecimentos todos tenham deixado em seu rosto e corpo. Assim, o reforço das características físicas de Andrômaca estabelecido por ela em oposição a uma Hermíone jovem também contribui para enfraquecer todo e qualquer atrativo que pudesse causar pensamento de concorrência na esposa legítima de Neoptólemo. Essa primeira parte do monólogo da troiana parece assim ser condizente com sua condição atual de cativa que sabe ser preciso se rebaixar perante a ama.

A segunda parte da fala de Andrômaca (vv. 205–231), por seu turno, é composta por críticas diretas ao comportamento de Hermíone. Esse movimento parece ser uma tentativa da troiana de desviar de si a responsabilidade pelo fato de Neoptólemo repelir o leito da esposa legítima. Nesse intuito, ela é categórica: “Não por minhas drogas ele te odeia, / mas não te adequas ao convívio” (vv. 205–206). Nesse movimento argumentativo, Andrômaca chama a atenção para algo que Hermíone não valorizara em sua fala: a submissão da mulher como um mal necessário, mesmo ela sendo nobre materialmente. Essa parece ser justamente uma característica fundamental no pensamento helênico patriarcal: o papel da esposa de se adequar ao convívio e de não impor ou propor qualquer coisa.

Andrômaca complementa ainda que não é a beleza (v. 207), mas sim as virtudes (v. 208) os atrativos de um relacionamento amoroso. Essa fala é no mínimo curiosa, porque é proferida por uma cativa reconhecida por suas virtudes desde a *Ilíada*, o que a torna atrativa num relacionamento, embora ela tenha acabado de refutar sua própria beleza, mostrando-se fraca, para que a legítima esposa se sentisse mais segura. Essa bifurcação argumentativa na fala de Andrômaca parece ser um modo de agredir Hermíone logo após as tentativas de se desconstruir para não parecer uma rival perigosa. Lembremos, afinal, que, no contexto agonístico, paixões podem vir à tona mesmo aos litigantes mais metiêtes.

Assim, Andrômaca continua, nos versos seguintes, a construir uma devolutiva dura para Hermíone pautada em comparações morais entre ambas. Em vv. 211–212, ela professa: “és rica entre pobres, para ti Menelau/ supera Aquiles, isso o marido odeia”. A troiana alerta que a riqueza de Hermíone de nada vale sem a estratégia de saber se colocar no lugar que lhe compete enquanto esposa, isto é, nunca como alguém superior, nunca colocando a própria linhagem acima à do esposo, nunca sequer se comparando a ele (v. 214).

Em vv. 215–217, Andrômaca rememora o costume trácio da poligamia permitida aos homens e questiona o que Hermíone faria nesse contexto (v. 218). Ela usa isso como argumento para acusar a esposa de Neoptólemo de atribuir “a todas as mulheres insaciável desejo” (v. 219), o que lhe parece condenável (v. 220) e reprochável (v. 221). Nesse pano de fundo, é no mínimo digno de atenção o fato de que Andrômaca, ao mesmo tempo em que parece saber como deve se comportar

enquanto esposa, isto é, de maneira subserviente, parece acusar Hermíone de estar imbuída de um sexismo que não deveria existir entre mulheres, uma vez que a competição com as outras esposas, no modo de ver da troiana, é algo que não deveria existir no universo feminino. No entanto, Andrômaca mesma parece fazer uso de certo sexismo para sobreviver, criticando o comportamento de Hermíone e adaptando-se a modelos patriarcais.

Na última parte do monólogo de Andrômaca, ela procurará comprovar suas teorias a partir do próprio paradigma, seguindo na linha da autovalorização e do rebaixamento de Hermíone como forma de defesa. Ela rememora que passou por coisas semelhantes com Heitor (vv. 222-224), chegando inclusive a oferecer o próprio seio aos filhos bastardos do marido (v. 225), de modo a garanti-lo sempre próximo por meio da virtude (τῆ ἀρετῆ, vv. 226-227). Nesse ponto, Andrômaca finaliza a comparação, notando como Hermíone não permite que nem mesmo gota de orvalho toque o marido (vv. 227-228), no que está subentendido que daí se explica o distanciamento de Neoptólemo.

Andrômaca ainda completa sua fala comparando Hermíone a Helena. Em vv. 229-231, temos: “Ó mulher, não tentes superar tua mãe/ em amor a varões! De mães vis, devem/ os filhos evitar os modos, se têm tino”. A rememoração de Helena parece estratégica por dois motivos. Primeiro, porque Andrômaca, ao caracterizar Helena como sendo vil (numa flexão de κακίη, v. 230) em “amor a varões”, condena a forma de amor da espartana ao marido, de modo a caracterizá-la como uma mulher ruim/malvada, que falha por não saber amar o marido legítimo, alertando assim Hermíone para evitar os modos da mãe. Segundo, porque o conselho de Andrômaca prenuncia ironicamente a fuga de Hermíone e Orestes (v. 1055; v. 1061). Como sabemos, Hermíone, por medo de ser punida pelo marido (v. 990; v. 1057), foge com o primo Orestes, para quem estava pretendida antes de se casar com Neoptólemo (vv. 966-967), ao que parece, forçada por Menelau (vv. 971-978). Muitos são os detalhes que nos ajudariam a compreender, talvez, a ira de Hermíone, quando ficamos sabendo, afinal, dos precedentes de sua história, o que não nos cabe sobrepesar aqui.

A seguir (v. 234), com a hemisticomia de Andrômaca e Hermíone, alguns pontos de caracterização mútua entre as personagens, que já começam a serem esboçados nos monólogos, ficam ainda mais evidentes. Hermíone acusa Andrômaca de se colocar como sendo “casta” (σώφρονα, v. 235) como estratégia para tentar se diferenciar dela. Isso parece ser verdadeiro, pois Andrômaca sugere que o modo de falar de Hermíone não permite caracterizá-la como alguém prudente/casta (v. 236), reforçando a oposição que já começara no monólogo.

A resposta de Hermíone chama a atenção para as ações de Andrômaca: em sua própria voz, enquanto uma fala de vexames, a outra os pratica (v. 239), pelo que podemos depreender que Hermíone de fato julga Andrômaca culpada por alguma coisa. Em v. 241, após uma sugestão de Andrômaca de sofrer em silêncio “as dores de Cípris” (v. 240), Hermíone tenta jogar com a situação da outra, perguntando se não seria isso o adequado às mulheres, subentendendo-se que Andrômaca engole as próprias mágoas e se gaba disso. Trata-se de uma inversão do jogo, em que a espartana

tenta se utilizar dos valores proclamados por Andrômaca, como se quisesse notar o quanto a troiana se orgulha de sua própria resiliência no casamento.

Em v. 242, Andrômaca responde que não basta saber sofrer em silêncio as dores do amor, mas que isso só importa às mulheres que sabem fazer bom uso desse gesto (χρωμέναισιν). Esse ponto parece crucial para entendermos a maneira como Andrômaca vem se caracterizando ao longo de quase toda a peça. Ela parece se colocar como superior a Hermíone moralmente, como vimos, mas, mais que isso, essa superioridade de caráter parece residir justamente no fato de que ela sabe como se adaptar e o que fazer diante das circunstâncias por ela vividas dentro de uma sociedade patriarcal. Se Andrômaca silencia as dores de Cípris, ela sabe fazer uso disso, seja outrora, atraindo o legítimo esposo, por exemplo, seja nesta hora, tentando se defender de Hermíone.

Nesse movimento, é importante percebermos o quanto ela já demonstrara estar lúcida das regras da sociedade patriarcal e não concordar com elas, como vimos, criticando o sexismo entre mulheres, por exemplo. No entanto, Andrômaca parece entender a demonstração de resiliência e de superioridade moral como uma forma de sobreviver numa sociedade que impõe esse comportamento às suas mulheres, mesmo sendo elas bem-nascidas, como ela de fato também o é.

Hermíone, por seu turno, parece acreditar que a nobreza material e a da linhagem bastam, de modo que ela não precisa demonstrar respeito ao contrato social do casamento nem aos direitos humanos dos cativos. Por isso ela se caracteriza como sendo alguém superior não somente a Andrômaca, estando na condição de ama-tirana, como também como alguém superior ao próprio marido pela linhagem, como vimos. Por conta desse comportamento é que justamente a filha de Helena virá a sofrer as consequências que antecedem a peça, tendo de suportar o distanciamento de Neoptólemo e a falta de filhos.

Andrômaca, por sua vez, parece mais estratégica. Hermíone mesmo admite isso (v. 245), embora não saiba como responder à altura, senão com violência, ameaçando a troiana de morte (v. 245), e com insultos, questionando seu comportamento e caracterizando-a como bárbara (v. 243; v. 261). Em vv. 272-273, praticamente findas as esperanças da troiana (e assim também o *agón*), ela conclui que Hermíone é uma “mulher má”, o que retoma implicitamente a comparação com Helena, como já vimos, caracterizada como uma mulher vil em amor a varões, isto é, como alguém que não sabe amar da maneira como compete a uma esposa. Esse movimento contribui para desmerecer a linhagem de Hermíone, questionando sua nobreza e evidenciando sua injustiça e abuso de poder.

Assim, no *agón* de *Andrômaca* de Eurípides, acreditamos que a mulher troiana, percebendo-se como cativa em terra estrangeira e como mulher numa sociedade patriarcal, demonstra estar lúcida de sua condição presente e permanente e de como deve falar e se comportar em cada caso, sabendo fazer uso desse jogo para sobreviver. Note-se que essa natureza metieta de Andrômaca é percebida desde a *Ilíada*, quando em subserviência ao marido e à coletividade, jamais havendo abuso de autoridade por parte da troiana, nem mesmo quando casada e rodeada de riquezas no palácio troiano.

Por outro lado, Hermíone, cuja condição presente é de certo modo favorável, demonstra não se importar com como deve agir e falar, não compreendendo seu lugar como mulher nem tampouco como esposa, chegando a repetir o exemplo materno, e é justamente por isso que sua nobreza cai por terra, por sua tirania e falta de sapiência, enquanto a de Andrômaca é mantida de acordo com os moldes patriarcais vigentes.

Referências bibliográficas:

- EURÍPIDES. *Andrômaca*. In: **Teatro Completo**. Volume I. Tradução de José Antonio Alves Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- EURÍPIDES. *As Troianas*. In **Teatro: Completo**. Volume II. Tradução de José Antonio Alves Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2016.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- LLOYD, M. **The agon in Euripides**. Oxford Clarendon Press, 1992.
- SEAFORD, R. The structural problems of marriage in Euripides. In: POWELL, A. (ed.) **Euripides, women and sexuality**. London/New York: Routledge, 1990, pp. 151-176.
- WERNER, C. As especulações de Andrômaca em Troianas de Eurípides. **Anais de Filosofia Clássica**, vol.12, n. 23, 2018, pp. 13-30.

